



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

LIMA BARRETO: MEMÓRIA E IMPASSES NA CIRCULAÇÃO LITERÁRIA

Camila de Carvalho Santana

Rio de Janeiro
2023

CAMILA DE CARVALHO SANTANA

LIMA BARRETO: MEMÓRIA E IMPASSES NA CIRCULAÇÃO LITERÁRIA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Crélia Penha Dias.

RIO DE JANEIRO

2023

AGRADECIMENTOS

Por meio dessa, expresso minha gratidão ao meu ex orientador de iniciação científica Prof. Dr. Eduardo dos Santos Coelho, o qual iniciou comigo a pesquisa “Apagamento Limiano: identidade e loucura”. Ao Prof. Dr. Cesar de Miranda e Lemos, que, em 2021.1, cativou a minha atenção com a matéria “História econômica, social e política do Brasil”, além de me orientar diversas vezes sobre a luta antimanicomial, o meu muito obrigada. Para mais, meus agradecimentos à minha orientadora de monografia, Profa. Dra. Ana Crélia Penha Dias, a qual me apresentou a circulação literária, como forma de reviver histórias.

Por morar a mais de 100 quilômetros da faculdade e ter que ir de ônibus para o Campus do Fundão, quero agradecer também a Secretaria de Educação e Transporte da Prefeitura de Saquarema, que, muito gentilmente, durante cinco anos, me ofertou a vaga no transporte público universitário, o que possibilitou a minha permanência na universidade.

Por fim, esse trabalho de conclusão de curso também não seria realizado com o apoio de duas pessoas fundamentais na minha vida: minha mãe, Eliana Rangel de Carvalho, que sempre me incentivou a leitura e Maria da Glória Soares, que me deu o auxílio necessário para que eu pudesse concluir a graduação!

Essa pesquisa é dedicada, principalmente, ao escritor brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto, mas também aos autores do início do século XX e aos internos do Hospício de Pedro II e do Hospital Colônia de Barbacena.

SUMÁRIO:

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 5 |
| Capítulo 1: “Houve quem perguntasse: bebemos porque já somos loucos ou ficamos loucos porque bebemos?” | 7 |
| Capítulo 2: Apagamento manicomial..... | 9 |
| Capítulo 3: Impasses na circulação literária..... | 16 |
| Capítulo 4: A arte de resistir..... | 21 |
| Capítulo 5: Afonso e Isaías: tristes recordações do preconceito de cor..... | 24 |
| Conclusão..... | 29 |
| Referências bibliográficas..... | 32 |

Introdução:

Esta pesquisa tem como objetivo refletir como a exclusão social proveniente da tentativa de apagamento literário e identitário afetou Lima Barreto, no que concerne à loucura, que pode ser evidenciada em *Diário do hospício* (1993), texto em que o autor relata a internação involuntária em um hospital psiquiátrico, e, fenômeno que pode ter responsabilidade no processo de não valorização de seus escritos em vida. Para isso, a metodologia utilizada foi a pesquisa documental comparativa entre as obras “*Diário do hospício*” e as descrições sobre o genocídio manicomial brasileiro encontradas em “*Holocausto Brasileiro*” de Daniela Arbex (2019), a fim de comprovar a hipótese de eliminação de indivíduos indesejáveis por não se encaixarem na sociedade, como negros e alcólatras, e expor a limpeza social pela modernidade periférica de uma subcidadania brasileira como construção social no início do século XX na cidade do Rio de Janeiro.

Em relação à invisibilidade da obra do autor durante muitos anos, foi buscado um estudo sobre as motivações e impedimentos da circulação das obras literárias, a partir de *Para uma nova perspectiva no estudo da circulação literária e cultural*, de José Luís Jobim e a relação de Lima Barreto com os fundadores do movimento artístico literário modernista que estourou na cidade de São Paulo. Parte desse trabalho também se ocupa em tentar entender o motivo do escritor ter sido incluído na categoria de pré-modernista mesmo já aplicando técnicas modernas em sua escrita, além de analisar o processo de silenciamento da não circulação literária do literato e literatura social com o apoio dos textos *Literatura e resistência* de Alfredo Bosi (2002) e *Literatura e Sociedade* de Antonio Candido (2006).

Por fim, pode-se encontrar ao final desse trabalho a exemplificação dos impasses literários e sociais vivenciados pelo escritor por meio de uma revisão de seu romance de estréia “*Recordações do escrivo Isaiás Caminha*” (1909) compreendendo que, embora seja uma história ficcional, muito se assemelha com a biografia do seu criador para apresentar o que o personagem principal e seu autor tinham em comum, vítimas do preconceito social e racial. Ademais, a obra foi um exemplo claro das relações entre o escritor e a crítica literária e jornalística para o desenvolvimento da disseminação dos textos de literatura de urgência, atualmente chamada de literatura militante.

Logo, essa pesquisa espera como resultado chegar aos vieses que colaboraram para a iniciativa de apagamento da identidade barretiana: a internação involuntária e violenta, o que ocorreu devido ao alcoolismo e depressão causadas pelo sufocamento do racismo estrutural

na sociedade ainda preconceituosa e pelos problemas financeiros a qual Lima Barreto vivia com a família, como a literatura se comporta e atende à sociedade, e, por último, o problema da circulação de seus escritos, além do negligenciamento da identidade crítica e criativa até anos depois da morte desse.

1. “Houve quem perguntasse: bebemos porque já somos loucos ou ficamos loucos porque bebemos?”¹

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio de 1881, sete anos antes da assinatura da lei Aurea, que tendo abolido a escravidão no Brasil não repercutiu com propósitos pós abolicionistas devido a incompletude pós abolição, mantendo a sociedade com tradições escravistas e com a herança da insegurança para os negros libertos e seus descendentes. Neto de escravos, com toda certeza, a questão do racismo sempre esteve presente em sua vida evidenciando o isolamento intelectual sofrido por ele.

Seu pai, João Henriques de Lima Barreto, após a queda da monarquia e início do regime republicano, perdeu o emprego como almoxarife e tornou-se funcionário administrativo da colônia de alienados na Ilha do Governador. A partir daí, a loucura não sairia mais da vida do escritor, que aprendeu a conviver com os alienados em seus finais de semana no morro do Caricó, até que em um problema no trabalho, seu pai teve surtos de nervos que se agravaram e o incapacitou de voltar a ter uma vida normal.

Com isso, iniciando a vida adulta, Lima Barreto decidiu largar o curso de engenharia, que por sinal só fazia para agradar seu pai que almejava o status social, para sustentar a família. A partir de então, o autor passou pela desvalorização da classe social devido ao sufocamento que sentia de ter que trabalhar com algo que não concordava (concursado de amanuense da Secretaria de Guerra), o racismo ficou mais evidente em sua vida, além de ter sofrido as tentativas de apagamento identitário pela cultura de embranquecimento, sendo silenciado pela imprensa da época², caso que permaneceu até tempo depois do seu falecimento (em 1º de novembro de 1922, aos seus 41 anos).

Exemplo disso foi relatado pelo próprio autor que esperava maior interação do público e da imprensa, o que não ocorreu. Suas obras eram pouco divulgadas e difundidas causando prejuízo econômico e desânimo para aquele que tinha como sonho viver da literatura, como aponta:

O aparecimento do meu primeiro livro não me deu grande satisfação. Esperava que o atacassem, que o descompusessem e eu, por isso, tendo o

¹ Lima Barreto em “Diário de hospício”

² Pelo fato de como boa parte dos leitores eram brancos os veículos se importavam com a maneira que tais assuntos como as discriminações no subúrbio seriam recepcionados, portanto, era mais fácil negar a existência.

dever de revidar, cobraria novas forças; mas tal não se deu; calaram-se uns e os que dele trataram o elogiaram. A minha dor ou as minhas dores aumentavam ainda; e, cheio de dívidas, sem saber como pagá-las, o J. M. aconselhou-me que escrevesse um livro e o levasse a ser publicado no Jornal do Commercio. Assim o fiz. Pus-me em casa dois meses e escrevi o livro. Saiu na edição da tarde e ninguém o leu, e só veio a fazer sucesso, para mim inesperado, quando o publiquei em livro. Desalentado e desanimado sentindo que eu não podia dar nenhuma satisfação àqueles que me instruíram tão generosamente, nem mesmo formando-me, não tendo nenhuma ambição política, administrativa, via escapar-se por falta de habilidade (...) (1993, p. 36)

Sua literatura era marcada pela denúncia, isso porque o autor relatava as injustiças em relação às minorias vindas do governo e da sociedade, e, muitas vezes, fazia textos autobiográficos para descrever os problemas sociais que também vivenciava. Um ato admirável de coragem trazer a marginalização como tema de seus escritos, o que causou, diversas vezes, a recusa dos leitores na época.³

O *Triste fim de Policarpo Quaresma*, sua obra mais marcante, segundo a escritora Lília Schwarcz, poderia ser também a imagem do “triste visionário” que Lima Barreto foi. Isso porque a solidão por ser um homem negro, que sofreu com o alcoolismo e a depressão, foram fatores cruciais para suas duas internações em hospitais psiquiátricos.

Sendo assim, a identidade barretiana sofre quatro tipos de silenciamento: a opressão por via da loucura que tende a tirar a voz e o direito à razão do internado, o destratamento perante a literatura de urgência projetada para denunciar os abusos sociais, o preconceito racial, na qual o impediu de estar em muitos lugares devido sua cor e a desigualdade econômica. Logo, esses esvaziamentos serão avaliados de forma a confirmar tal fenômeno.

³ Outro exemplo de tentativa de silenciamento com o autor foram as rejeições vindas da Academia Brasileira de Letras em relação a sua candidatura para tornar-se um imortal.

2. Apagamento manicomial

Não quero morrer, não; quero outra vida.

Diário do hospício, Lima Barreto

Lima Barreto foi internado duas vezes em hospitais psiquiátricos. Na primeira vez, em 1914, ficou dois meses internado no Hospício Nacional, devido aos incômodos alcoólicos. Na segunda vez, em 1919, durante os dois meses que esteve no Hospital Nacional dos Alienados, ainda por causa do alcoolismo misturado à depressão, descreveu o processo de tratamento desumano no manicômio em um diário.

O autor não tinha problemas mentais atestados pelos médicos para ser internado no manicômio, mas sim sofria de delírios alcoólicos, e naquele tempo a psiquiatria se orientava por tradições de hierarquias de poder e a dor como forma de cura. Assim, a sociedade considerava que o alcoolismo e seus derivados atos inconvenientes causavam um desvio de comportamento ditos normais, tal como uma doença mental, o que justificava a internação sem um diagnóstico profissional.

Não me achou muito arruinado e, muito polidamente, deu-me conselhos, para reagir contra o meu vício. Oh! Meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo e, parecendo-me que todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele, e por sofrê-las, é que vou à bebida. (1993, p. 32)

Nesta citação, é possível perceber a lucidez no relato do interno Lima Barreto ao escrever que o doutor, Juliano Moreira, conhecido como fundador da psiquiatria brasileira e opositor da teoria da degeneração racial imposta na época, recomendou carinhosamente a ele que lutasse contra a doença do alcoolismo para que não permanecesse no ambiente hospitalar que mais parecia uma prisão. Referente a esses espaços manicomiais, segundo Frederico Costa dos Santos (2010, p. 50):

A primeira forma de instituição a ser citada como espaço da loucura foi o asilo. Esta seria a antiga prática de recolhimento dos loucos durante a época clássica, junto com outras minorias sociais (leprosos, prostitutas, ladrões e desordeiros); esses edifícios eram mantidos pelo poder público e grupos religiosos, que cumpriam o papel de separar aquele grupo do convívio social. Posteriormente, a denominação mais frequente para identificar esses espaços passa a ser hospício. O manicômio surge nas primeiras décadas do século XIX, como espaço de acolhimento com a maioria de doentes mentais, e fornece tratamento médico sistemático e especializado. (2010, p. 50)

Logo, ao tratar sobre a violência e o autoritarismo manicomial, não é incomum perceber que o público alvo dessa limpeza social é o mesmo submetido ao que hoje é chamado de subcidadania⁴ enquanto projeto de eliminação de indivíduos indesejáveis, derivada da modernidade periférica⁵ impactante na virada do século XIX ao XX. O próprio Lima Barreto narrou que a estrutura da instituição psiquiátrica em que ficou da última vez condiz com o público-alvo internado: “O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre”(1993, p. 25). Essas práticas foram influenciadas por concepções discriminatórias e estigmatizantes, que associavam certos grupos sociais a comportamentos considerados desviantes ou perigosos para a sociedade. A internação em manicômios era vista como uma forma de isolamento e controle social dessas pessoas, com o objetivo de proteger a sociedade da suposta ameaça que elas representavam.

No entanto, é importante ressaltar que nem todas as pessoas internadas nesses estabelecimentos eram marginalizadas. Algumas delas eram, de fato, indivíduos com problemas de saúde mental que precisavam de tratamento e cuidados adequados. No entanto, a falta de critérios claros para determinar quem seria internado muitas vezes resultava em abusos e internações injustas.

Como forma de exclusão, essa época, temos a criação do Hospital de Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, que antecedeu a ideia de reurbanização da “Paris dos trópicos”⁶:

Para o tratamento e assistência aos alienados, de forma ordenada e institucionalizada temos como marco a criação do Hospício de Pedro II, por um decreto imperial de 18 de julho de 1841. O primeiro hospício nacional surgira ao mesmo tempo, como padrão de civilização e parte do projeto de normatização.⁷ (2010, p. 33)

Naquela época, havia uma visão predominante de que as pessoas com doenças mentais deveriam ser isoladas e controladas, e a institucionalização era considerada o

⁴ Segundo o autor Jessé Souza, a subcidadania é a cidadania fragmentada para determinadas pessoas que não são consideradas cidadãs diante a sociedade, desta forma, sem acesso à direitos básicos como educação, saúde e apoio econômico. Trata-se então da “ralé estrutural brasileira”.

⁵ Subinclusão ao Sistema como condenação a subalternidade em que o condenado não tem acesso aos direitos à cidadania plena, mas é regido por deveres para com a sociedade.

⁶ Reurbanização da cidade com demolições de cortiços, por exemplo, com propósito higienista e marginalizador por meio de um conjunto de obras públicas que redefiniram a estrutura urbana da capital, conhecida operação “Bota-abaixo” do então prefeito.

⁷ Ibidem

caminho adequado para isso. Com isso, da desumanização ao silenciamento, Lima Barreto escreveu em seu diário que, se retornasse pela terceira vez ao manicômio, morreria por lá mesmo e iria direto para o cemitério mais próximo; exemplo disso estão nos fragmentos:

Estou seguro que não voltarei a ele pela terceira vez; senão, saio dele para o João Batista, que é próximo. (1993, p. 23)

Ontem, matou-se um doente, enforcando-se. Escrevi nas minhas notas: ‘Suicidou-se no pavilhão um doente. O dia está lindo. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja um dia tão belo como o de hoje. (1993, p. 51)

Para entender melhor o que significou a cultura manicomial na época de Lima Barreto, buscamos o estudo de Daniela Arbex. Embora o autor não tenha retornado e morrido dentro do hospital psiquiátrico, outros invisibilizados pela violência manicomial não resistiram aos choques de descargas elétricas, fome, frio, doenças e negligência tanto da medicina quanto dos políticos, como aponta Daniela Arbex em seu livro *Holocausto brasileiro* (2019).

Muitas vezes, por ter relações de poder no hospital psiquiátrico, o local era mais uma forma de higienização social do que medida de cura. Essa afirmação pode ser comprovada a partir de dois pontos aqui analisados: a perda de individualidade e a perda da humanidade dos internados.

Os fragmentos apresentados são parte de relatos de sobreviventes do evento intitulado por Arbex de “holocausto brasileiro” que ocorreu no manicômio de Barbacena no período entre 1903 a 1980, assim como os de Lima Barreto em sua segunda estadia, violenta e involuntária, no hospício do Rio de Janeiro que sofreu dos mesmos sofrimentos e textos de Frederico Costa dos Santos e Fabiano da Silva Costa que abordaram temas semelhantes.

O primeiro fenômeno analisado é a perda da individualidade dos internados:

Após a sessão de desinfecção, o grupo recebia o famoso ‘azulão’, uniforme azul de brim, tecido incapaz de blindar as baixíssimas temperaturas da cidade. (...) As mulheres andavam em silêncio na direção do Departamento A, conhecido como Assistência. Daquele momento em diante, elas deixavam de ser filhas, mães, esposas, irmãs. As que não podiam pagar pela internação, mais de 80%, eram consideradas indigentes. Nesta condição viam-se despedidas do passado, às vezes, até mesmo da própria identidade. Sem documentos, muitas pacientes do Colônia eram rebatizadas pelos funcionários. Perdiam o nome de nascimento, sua história original e sua referência, como se tivessem aparecido no mundo sem que alguém as parisse. Arbex, (2019, p. 29)

A partir de então, essas pessoas deixavam de ter identificação própria e tornavam-se desconhecidos, pois o sistema manicomial exigia tal tratamento. Ganham um uniforme de baixa qualidade e se tornavam parte da massa sem identificação, perdendo sua história de vida, muitas vezes, por motivos não atestados por especialistas da área da saúde.

A grande maioria da população do hospício era internada pelas mãos da polícia na categoria de indigentes. Entre estes figuravam alguns poucos escravos que pertenciam a senhores pobres. ⁸ (2010, p. 81)

Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio. Barreto, (1993, p. 23)

A polícia agia com a locomoção para os hospitais psiquiátricos com a justificativa que, deste modo, estaria garantido o bem estar social. Sem uma orientação médica, resgataram autistas, cidadãos tímidos ou extrovertidos demais, indivíduos hoje denominados LGBTQIA+, pessoas em situação de rua, alcoólatras ou qualquer um que fugisse da normalidade imposta. Lima Barreto chegou a criticar de forma satírica essa atitude de transporte e tratamento brutal com o texto “Como o homem chegou” (1914), em que seguem alguns trechos:

Prontamente deu as ordens para que fosse fornecida a seu colega a masmorra ambulante, pior do que masmorra, do que solitária, pois nessas prisões sente-se ainda a algidez da pedra, alguma cousa ainda de meiguice de sepultura, mas ainda assim meiguice; mas, no tal carro feroz, é tudo ferro, há inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados uma igaçaba de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. (...) O “homem”, como dizem eles, era um ente pacato, lá dos confins de Manaus, que tinha a mania da Astronomia e abandonara, não de todo, mas quase totalmente, a terra pelo céu inacessível. (...) Cuidaram imediatamente de obter hospedagem e alimentação no lugarejo. O cocheiro lembrou o “homem” que traziam. Barrado, a respeito, não tinha com segurança uma norma de proceder. Não sabia mesmo se essa espécie de doentes comia e consultou Sili, por telegrama. Respondeu-lhe a autoridade, com a energia britânica que tinha no sangue, que não era do regulamento retirar aquela espécie de enfermos do carro, o “ar” sempre lhes fazia mal. (...) Em dado momento, o cocheiro avisa Barrado de que o “homem” parecia estar morto; havia até um mau cheiro indicador. O regulamento não permitia a abertura da prisão e o doutor não quis verificar o que havia de verdade no caso. (...) Os urubus crocavam por sobre a caravana, estreitavam o vôo, desciam mais, mais, mais, até quase debicar no carro-forte. (...) Mais ou menos assim,

⁸ Ibidem

levaram dois anos e foram chegar à aldeia dos Serradores, margem do Tocantins. (...) Aos poucos os urubus se despediram; e, no fim de quatro anos, o carrião entrou pelo Rio adentro, a roncar pelas calçadas, chocalhando duramente as ferragens, com o seu manco e compassivo burro a manquejar-lhe à sirga. Logo que foi chegado, um hábil serralheiro veio abri-lo, pois a fechadura desarranjara-se devido aos trancos e às intempéries da viagem, e desobedecia à chave competente. Sili determinou que os médicos examinassem o doente, exame que, mergulhados numa atmosfera de desinfetantes, foi feito no necrotério público.

O conto foi escrito pelo autor depois da sua primeira internação psiquiátrica em que foi transportado pelo carro-forte da polícia até o hospital a pedido da família. Em uma viagem de Manaus até a então capital do país, um sujeito dado como alienado, na qual não é citado o nome, reforçando o conceito da perda da individualidade, é levado para o manicômio a pedido de um parente. Ao longo do deslocamento, o “homem”, assim chamado, não tem acesso aos direitos básicos, como água, alimentos e permissão para sair do carro-forte, o que, depois de algum tempo, faz com que o cheiro ruim e os urubus perseguindo a viatura fosse levantada a suspeita de que o “homem” tinha morrido. Ainda sim, o carro só foi aberto ao final da longa viagem de quatro anos.

Fora da ficção, Lima Barreto revelou o tratamento que viveu oferecido do manicômio aos internados tratados como se fossem uma massa amorfa da sociedade:

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestiário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com uma fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria. (1993, p. 23)

Uma vez hospitalizado, muitos internos passaram por tratamentos inumanos, ficando despídos em público quando não havia uma reposição do uniforme. Neste relato encontrado no diário de hospício, Lima Barreto narrou o que vivenciou neste espaço de humilhações, onde ainda havia um colchão de capim com uma manta pobre, contudo, em Barbacena, na maior parte do tempo, não se encontrava cama ou qualquer outro móvel que representasse o mínimo de conforto.

Além da perda da individualidade, outro fenômeno encontrado durante a pesquisa de foi a perda da humanidade em que:

A primeira providência em relação aos internos era desumanizá-los, tirando-lhes a identidade, o nome, qualquer traço de individualidade, tornando-os uma massa amorfa de criaturas que em nada se comparariam com as que estavam do lado de fora dos muros. A desumanização precede a tortura física: só é possível dar tratamento não humano aqueles a quem consideramos não humanos.⁹ (2018, p. 47)

A famosa psiquiatra brasileira Nise da Silveira dedicou a sua vida a tratar dos alienados de forma humanizada e a lutar contra a instituição manicomial e os métodos cruéis neles existentes, como os eletrochoques. Essas técnicas desumanizam as pessoas por motivo que, se naquele momento havia justificativas, hoje não fazem sentido. Arbex escreve que quando as internas apareciam grávidas dentro do ambiente hospitalar, para não terem a gravidez interrompida, passavam fezes no corpo para que pudesse afugentar os psiquiatras, outros funcionários e possíveis novos assediadores. Além disso:

Homens, mulheres e crianças, às vezes, comiam ratos, bebiam esgoto ou urina, dormiam sobre capim, eram espancados e violados. Nas noites geladas da serra da Mantiqueira, eram atirados ao relento, nus ou cobertos apenas por trapos. Instintivamente faziam um círculo compacto, alternando os que ficavam no lado de fora e no lado de dentro, na tentativa de sobreviver. Alguns não alcançavam as manhãs. Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque. Em alguns dias, os eletrochoques eram tantos e tão fortes, que a sobrecarga derrubava a rede do município. Nos períodos de maior lotação, dezesseis pessoas morriam a cada dia. Morriam de tudo - e também de invisibilidade. Ao morrer, davam lucro. Entre 1969 e 1980, 1853 corpos de pacientes do manicômio foram vendidos para dezessete faculdades de medicina do país, sem que ninguém questionasse. Arbex, (2019, p. 14-15)

Lima Barreto também faz sua contribuição de descrição do manicômio no *Diário de hospício* quando expõe que teve que ficar nu e tomar banho em público sem nenhuma privacidade tal como um animal, além de não entender o porquê de outros doentes já não ficarem vestidos, além da desumanização vir por apelidos animais:

Voltei para o pátio. Que cousa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreados por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e passivo, de camponês transmontano. (...) Da outra vez que fui para a casa forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. (1993, p. 24)

⁹ Costa, Fabiano da Silva. **Cemitério dos vivos: representações do autoritarismo**. RE-UNIR, v. 5, nº 1, p. 43-57, 2018. ISSN – 2594-4916.

Há aqui um doente que não parece ser profundamente alterado das faculdades mentais. É alejado das pernas e chamam-no até Caranguejo, porque aqui, como em todas as coleções de homens que vivem juntos, há o gosto pela alcunha depreciativa. Há o Gato, há o Tetéia, etc. (1993, p. 53)

Por fim, um último testemunho resgatado pela pesquisadora que evidencia a hipótese de eliminação de indivíduos indesejáveis por não se encaixarem na sociedade por meio da exclusão social e racial é o caso de José de Machado que, infelizmente, foi mais uma vítima do autoritarismo e genocídio manicomial brasileiro:

O registro de José de Machado, o Machadinho, é de número 1530. A informação que mais se aproxima da verdade é que ele deu entrada na entidade em 1959, conduzido pela polícia, após ser acusado de colocar veneno na bebida de alguém. Ele trabalhava numa empresa de café e, mesmo sem ter sido julgado, foi sentenciado à pena de morte: a internação no Colônia. Inocente, passou a vida encarcerado. Então com oitenta anos, após meio século de institucionalização precisava de uma cadeira de rodas para se locomover, mantendo-se reticente na presença de estranhos. Fechado dentro de si mesmo, talvez tenha guardado num canto da memória tudo que passou naquele campo de concentração até conhecer um pouco de dignidade. (2019, p. 100-101)

Dessa forma, parafraseando Márcio Seligmann Silva¹⁰, o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa, diante disso, a tentativa de narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário do desejo de renascer. Ou seja, escrever, para o interno Afonso Henriques de Lima Barreto, significou não ficar louco em meio a esse cemitério dos vivos: “Já tenho medo de ficar aqui.” (1993, p. 88)

¹⁰ Silva, Márcio Seligmann. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Lin., Rio de Janeiro, 2008, p. 69.

3. Impasses na circulação literária

A circulação literária é feita não apenas daquilo que manifestamente circula mas, também, daquilo que circula deficientemente ou, mesmo, é impedido (por diversos motivos) de circular. José Luís Jobim ¹¹

Em *Para uma nova perspectiva no estudo da circulação literária e cultural*, José Luís Jobim afirma que a circulação literária tem muito a ver com o dinamismo temporal, principalmente com elementos a que se referem aos intervalos de média duração e o modo como se relaciona com outras recorrências históricas.

O autor também cita a escritora Helena Buescu, a qual escreve que essas repetições podem variar “entre a continuidade ou a ruptura em diferentes temporalidades, e não apenas na consideração de cada um, dentro da temporalidade original em que foi produzido”. Complementando as palavras de Buescu encontradas na segunda página da obra de Jobim:

Não podemos nunca considerar um fenômeno literário (ou cultural) como definitivamente enclausurado no passado, porque pela sua intermitência ele pode reaparecer, repetido e entretanto novo, num contexto historicamente imprevisível. E esse seu surgimento vai afetar, de forma indelével, a história passada (e presente, e futura) desse fenômeno. O não-encapsulamento do passado no passado faz parte do caráter histórico da literatura e rege, em meu entender, os modos pelos quais ela se manifesta. Buescu apud Jobim, p. 2 s/d

Logo, é possível considerar que a difusão da literatura é profundamente influenciada pelo contexto temporal em que uma obra é publicada, pelos temas que aborda, pelo período de sua circulação e pela forma como é resgatada e reinterpretada em diferentes momentos históricos. A exemplo disso, a obra de Lima Barreto, mesmo após tantos anos, renasce em um centenário que desperta novas perspectivas críticas, apesar das tentativas de apagá-la, o que talvez seja uma das razões para a desvalorização de seus escritos durante sua vida.

Sendo assim, o resgate crítico da obra de Lima Barreto traz à cena um fenômeno curioso, de atualização da obra barretiana, com leituras críticas mais atenciosas textos como “A lei”, “Pecado”, “O homem que sabia javanês” e “O prefeito e o povo”, que, lidos hoje, comprovam seu caráter atemporal. A literatura que tem o poder de se manter viva durante muitas décadas torna eterna a discussão histórica social a qual foi inspirada e, dessa maneira, é possível analisar a evolução da sociedade, mais especificamente a sua modernidade.

¹¹ Jobim, José Luís. *Para uma nova perspectiva no estudo da circulação literária e cultural*, s/d, p. 3.

Para entender o pensamento de Lima Barreto quanto a polarização da modernização artística literária em São Paulo é preciso compreender que a cidade, de fato, tem uma posição de destaque no cenário cultural do Brasil e é reconhecida como um importante polo cultural. Ela abriga uma grande variedade de instituições culturais, como museus, teatros, centros culturais e galerias de arte. Contudo, é importante salientar que a cultura é uma manifestação diversa e multifacetada, e outras regiões do Brasil também possuem ricas tradições culturais e contribuições significativas. Por isso, o essencial termo - modernismos - no plural demonstra a pluralidade cultural rica do país.

Logo, embora São Paulo seja um centro cultural importante no Brasil, não se pode afirmar que seja o único ou o dono da cultura do país e, com esse argumento, Lima Barreto, de forma irônica escreveu sobre:

São Paulo tem a virtude de descobrir o mel do pau em ninho de coruja. De quando em quando, ele nos manda umas novidades velhas de quarenta anos. Agora, por intermédio do meu simpático amigo Sérgio Buarque de Holanda, quer nos impingir como descoberta dele, São Paulo, o tal de 'Futurismo'.
Lima Barreto, 1922

Em sua escrita, Lima Barreto rompia com o academicismo, com os padrões estéticos formais e tradicionais, com a escrita padronizada e tinha seu próprio estilo irônico ao criticar problemas sociais, como o racismo e a marginalização, marcas que antecederam o movimento literário do Modernismo. As obras do autor, como *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Recordações do escrivo Isaias Caminha* trazem na representação processos de modernização como a urbanização e a subcidadania frente a nova sociedade materialista.

Isso é possível de ser analisado ao comparar a construção narrativa de dois grandes escritores negros da literatura brasileira que escreveram no mesmo tempo histórico, durante um período, na mesma cidade, mas têm diferenças temáticas e linguísticas indiscutíveis. O que pode ser confirmado que a representação literária pode variar mesmo quando se utiliza o mesmo período histórico e local, pois diferentes perspectivas podem surgir mesmo em contextos semelhantes, afinal, Joaquim Maria Machado de Assis, o maior escritor da literatura brasileira, além de ter tido outros caminhos pela literatura foi apresentado à sociedade por outro nome importante da literatura desse país, José de Alencar.

Machado de Assis foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, apostando em uma gramática culta para os padrões do momento, temáticas, em sua segunda fase textual, voltadas ao realismo, fato que o fez ficar conhecido como o fundador do movimento no Brasil e publicar obras que viriam a ser consideradas clássicas pelo estilo

“Machadiano”. Seus textos já eram famosos e muito elogiados, seja pelo público e pela crítica de jornal, graças à escrita impecável, ao grande reconhecimento de seu talento, bons contatos, história maravilhosamente formuladas e o conceito estético que o levou ao auge, a fundação da Academia Brasileira de Letras.

Já Lima Barreto, que internamente desejava o mesmo triunfo, não se enquadrava a nenhum movimento literário, não foi aceito para ser integrante da ABL, sua escrita era denunciativa não só contra a burguesia, mas inclusiva aos marginalizados socialmente e, por fim, como se sabe, Lima Barreto tentava quebrar os padrões linguísticos e estilísticos daquele período, características essas que se contrapõe com a suposta glória cultural de fazer arte convergente com o que chegava de mais culto da Europa.

Lima Barreto tinha em seus projetos trazer uma literatura renovada, como vimos em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, com a valorização da língua indígena como idioma nacional, dos costumes e culturas brasileiras sem influências europeias, o desenvolvimento da política e do nacionalismo da época, assim como a questão agrária. Mas o autor não se associou a grupos revolucionários, tão pouco a outras formas de redefinição coletiva do estilo vigente, como fizeram os “Futuristas”.

Por isso, carregou toda a crítica de forma individual e não houve apoio que enxergasse o nascimento do processo modernizador no Rio de Janeiro. Dessa forma, Lima Barreto foi duramente criticado pela imprensa e pelos leitores mais conservadores que mantinham o espírito conformista de seus privilégios. A escola Modernista realizou inicialmente, assim, os projetos sonhados por Lima Barreto para a literatura do país: a flexibilidade da escrita, a inclusão de marginalizados na literatura e temas recorrentes à nacionalidade brasileira.

Visto isso, por que o escritor não foi considerado também um modernista? Segundo Luiz Ruffato em seu artigo intitulado *Lima Barreto contra os “futuristas”* (2020), em carta a Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, por recomendação dos fundadores da Semana de Arte Moderna, havia escrito que entregou a Lima Barreto um exemplar do nº 3 da *Klaxon* (15 de julho de 1922) - revista mensal de arte moderna de São Paulo - , para que ele pudesse dar suas impressões sobre a revista e que essas pudessem circular na capital do país, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Uma semana depois, o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* divulgou um texto no periódico semanal *Careta*, intitulado *O Futurismo*, com o seguinte trecho:

(...) Disse cá comigo: Esses moços tão estimáveis pensam mesmo que não sabíamos disso de futurismo? Há vinte anos, ou mais, que se fala nisto e não há quem leia a mais ordinária revista francesa ou o pasquim mais ordinário da Itália que não conheça as cabotinagens do ‘il Marinetti’.

O que poucos sabem é que Lima Barreto retornou ao assunto duas semanas depois, na mesma revista *Careta* (edição nº 737) reprovando também o escritor português António Ferro, em um texto intitulado *Esthetica do “Ferro”*: “Agora aparece um cidadão de ultramar que se diz inovador e criador de uma nova escola literária. Leio-lhe os escritos e procuro a novidade. Onde está ela?” A resposta dos autores paulistas foi publicada na *Klaxon* e Lima Barreto foi chamado de “*escritor de bairro*” que, armado de uma “*navalha*”, “*desembocou duma das vielas da Saúde, gentilmente confiado nas suas rasteiras*” após não concordarem com a opinião crítica que eles selecionaram vinda do Rio de Janeiro. Comentários elitistas e discriminatórios de quem tinha propagando um movimento que mais ocorreu por apoio aristocrático do Estado cafeicultor.

Pensando nisso, Rafael Cardoso, em seu artigo *O problema do modernismo brasileiro* (2021), afirmou que a ilusão da suposta descoberta do Brasil pelos modernistas continua a ser repetida de forma irrefletida até os dias atuais. Isso porque o ideal modernista era criar uma cultura única que incluísse a diversidade brasileira, contudo, na prática, de forma alguma a modernidade foi introdutória. Além disso, São Paulo ditou de inovador algo que já estava sendo feito pelo Brasil e usou como discurso próprio criando a Semana de 22 com o apoio oligárquico, não que o evento em si não seja de extrema importância para a história do Brasil.

Cardoso ainda aponta que, para o antropólogo Néstor García Canclini, “Nunca fomos modernos, como coletividade, por mais que uns e outros tenham abraçado uma gama de modernismos”. Voltando a Cardoso, a crítica que permanece então é:

Quem determinou que seriam os paulistas os descobridores e os mineiros, baianos, pernambucanos, potiguares e paraenses, os descobertos? Quer dizer que antes do turista aprendiz trocar de trem em Juiz de Fora (MG) ou desembarcar no cais do Recife, tudo aquilo era terra incognita? Sem nem falar da mui leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro que, pelo visto, era capital de um país que não sabia que não existia.

Em outro texto de sua autoria, intitulado “Modernidade em preto e branco” (2022), Cardoso declara que por um longo tempo houve - e ainda há - uma certa dificuldade em classificar as obras de Lima Barreto como parte do modernismo. Ainda hoje é possível ler em muitos livros didáticos de literatura que o autor ainda é encaixado na gaveta dos

pré-modernos junto com João do Rio e tantos outros escritores que, fora de São Paulo, já traziam em seus escritos práticas modernas. E prossegue:

Situar Lima Barreto como precursor dos jovens autores que se reuniram em torno da Klaxon, rechaçados por ele com tanta impaciência, equivale a dizer que o trabalho deles representa a realização plena de qualidades artísticas ou estilísticas que ele não foi capaz de atingir. (2022, p. 14-15)

Além disso, é evidente como a seleção racial das premissas de modernidade, voltadas para a maior metrópole do país, foi feita de forma aristocrática, enquanto os modernistas de outras regiões brasileiras foram posteriormente rotulados como regionalistas e deixados de lado. Contudo, Cardoso faz uma ressalva a esse conceito de moderno:

Se o modernismo é uma ruptura radical com o passado, conforme alegaram seus proponentes, então qualquer esforço aquém dessa ruptura deve permanecer do outro lado da divisa, independente de haver ou não viés modernizador. (2022, p. 15)

Esses fatores contribuíram para que as obras de Lima Barreto sofressem impasses na circulação literária durante sua vida, resultando em uma relativa falta de reconhecimento e valorização de seu trabalho na época. Entretanto, é importante evidenciar que, ao longo do tempo, a obra de Lima Barreto tem sido resgatada e reinterpretada por importantes pesquisadores como Francisco de Assis Barbosa (*A vida de Lima Barreto, 1881-1922*), Beatriz Resende (*Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*), Rosa Maria de Carvalho Gens (*Retratos em cantoneiras: Imagens do Rio de Janeiro Belle Époque em João do Rio e Lima Barreto*), Marcos Scheffel (*O ideal de ouro na escrita de Lima Barreto*), Luciana Hidalgo (*Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura. 2007*), Alice Áurea Penteadó Martha (*Lima Barreto e a crítica (1900 a 1922): a conspiração de silêncio*), Irenísia Torres de Oliveira (*Lima Barreto, modernidade e modernismo no Brasil*) e Wanely Aires de Souza (*Autobiografia e ficcionalidade em O Diário do Hospício e o Cemitério dos Vivos*), despertando um interesse renovado e ganhando reconhecimento como uma voz importante da literatura brasileira.

4. A arte de resistir

Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir. Alfredo Bosi.

Em seu livro *Literatura e resistência*, Alfredo Bosi explica, no início do capítulo quatro, uma proposta do filósofo italiano Benedetto Croce sobre dialética das distinções quanto à arte e no que concerne às potências cognitivas e às potências da vida prática. Assim, sendo uma voltada à razão e à filosofia a outra voltada à coerência ética social, ambas as vertentes não deveriam se misturar. Contudo, é nessa interação que surge a narrativa de resistência, e, como apontado pelo crítico literário brasileiro, é justamente nesse processo que se dá como tema e como processo inerente à escrita.

Antes de tudo, é necessário compreender o objetivo de se opor ao embelezamento da forma e temática da literatura para apresentar o outro lado, a realidade como compromisso, o injusto e a verdade social. O papel desse artista então é deixar de ser imparcial e tornar-se ético, mesmo que com essas atitudes as consequências sejam duras nos julgamentos.

No caso de Lima Barreto, a persistência nesse objetivo veio não só para o tema de seus escritos, mas também para a forma moderna de sua literatura. Não bastava mais escrever sobre o belo, com rimas perfeitas, gramática culta e assuntos europeizados. Não cabia endeusar a Pátria se essa parecia estar tão doente! Se o homem e a hipocrisia social já vinham sendo expostos em linguagem simples e objetiva, necessitava, a partir disso, desconfigurar-se de vez das amarras estéticas que restringiam os artistas. Mais do que ser rebelde, a literatura enquanto meio cultural, deveria quebrar o sistema europeu vigente.

Em seu trabalho intitulado *Lima Barreto e o viés do realismo popular na literatura brasileira*, Maria Cristina Batalha (2012) afirma que:

Assim, no plano objetivo da produção artística, o nosso Realismo-Naturalismo responde à imobilidade social reinante, ao considerar os desvios do comportamento humano como alguma coisa de permanente e inexorável. É nesse contexto que a ficção de Lima Barreto, com a sua proposta literária afetiva e popular, acena esteticamente para um viés inexplorado na representação realista da realidade brasileira. Lima pode ser considerado um precursor de um modelo ficcional que coloca em primeiro plano a periferia, com seus personagens, suas mazelas e potencialidades humanas, sem o glamour das visões românticamente idealizadoras. (2012, p. 52)

Ao valorizar a estética de uma representação mais próxima das experiências reais, sem o glamour ou idealizações românticas vigentes, a ficção de Lima Barreto traz uma contribuição significativa com a escrita realista, mas com a forma moderna e renovadora. Tal modelo proporcionou a essência do que vem a ser o início do modernismo brasileiro, erroneamente classificado como pré modernismo. Para essa temática, Bosi cita que:

A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa ‘vida como ela é’, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida. (2002, p. 130)

Ao colocar o excluído social como objeto de sua escrita, Lima Barreto antecipou o que hoje conhecemos como pauta da representatividade das camadas mais baixas da sociedade realmente brasileira. Não só com a temática, mas protagonistas não brancos e suburbanos surgiram na literatura como um resgate justo. Não são heróis, conquistadores e muito menos grandes intelectuais, são pessoas reais como filha de carteiro, funcionário público e até um alienado sendo transferido por uma viatura policial.

O marginal de Lima Barreto não é o mesmo dos naturalistas, sempre à beira do patológico: é o intelectual mulato, humilhado e ofendido; e do seu ressentimento impotente nasce a potência da sua crítica social e política. (2002, p. 258)

De origem latina, o substantivo feminino *resistentia* ou resistência em português, significa “Ação ou efeito de resistir, de não ceder nem sucumbir”, “Recusa de submissão à vontade de outrem; oposição” e “Tendência para suportar dificuldades”. Se por um lado há a determinação em existir, há também de outro a insistência em excluir e não querer enxergar.

Sendo assim, o apagamento em vida se tornou constante para Lima Barreto. Ao ignorar fatores importantes expostos em narrativas ficcionalizadas, jornalistas, críticos e outros artistas decretaram o silenciamento mortal para as obras de denúncia e, consecutivamente, qualquer visibilidade para o público o qual inspirou as obras.

Dessa forma, para concluir, embora não tenha se alinhado completamente ao movimento modernista, a obra de Lima Barreto apresenta características que podem sustentar a premissa de ser ele um autor modernista, pois uma das características do modernismo literário é a experimentação formal, ou seja, a busca por novas formas de expressão literária. O autor em questão inovou ao utilizar uma linguagem coloquial e direta, que aproximava sua

obra do cotidiano do leitor comum. Ele também utilizou técnicas de narrativa não-linear e quebras de cronologia em sua obra, como no livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em que a narrativa é fragmentada e se desloca entre diferentes tempos e lugares.

Outra característica do modernismo é a crítica social e cultural, em que os autores utilizam a arte para denunciar as injustiças e problemas da sociedade. Lima Barreto foi um crítico contundente da sociedade brasileira de sua época, denunciando o racismo, o machismo, a corrupção e a hipocrisia da elite. Sua obra é a representação artística de um testemunho da luta contra a opressão e a exclusão social, mostrando as dificuldades enfrentadas pelas classes menos favorecidas da sociedade.

Além disso, também compartilhou de algumas das ideias e valores do modernismo, como a defesa da democracia, a valorização da cultura popular e a crítica aos padrões estéticos e culturais impostos pela elite. Ele se opunha ao conservadorismo e ao academicismo literário que dominavam a época, e buscava uma linguagem mais acessível e direta, voltada para o público em geral.

Portanto, resumidamente e reafirmando, é possível afirmar que Lima Barreto foi um autor modernista, que inovou em sua linguagem e em sua temática, e que utilizou a arte como um instrumento de crítica social e cultural. Sua obra contribuiu para a renovação da literatura brasileira do início do século XX, e é um testemunho da luta contra a opressão e a exclusão social que ainda persistem em nossa sociedade. Textos assim, independente das críticas, perduram no tempo, como afirma Antonio Candido:

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. (2006, p.47)

5. Afonso e Isaías: tristes recordações do preconceito de cor

“*A única crítica que me aborrece é a do silêncio.*” Barreto, 1916 ¹²

No ano de 1909, Lima Barreto estreou na literatura com o seu romance *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, apesar de já ter outros romances prontos e ainda não publicados. A história se passa na cidade carioca, entre ruas conhecidas e a redação do jornal em que o personagem principal trabalha. Sendo ele filho de um padre e uma escrava liberta, portanto afrodescendente e pobre, sofre violências sociais e raciais muito conhecidas também pelo autor que passou pela opressão das classes dominantes.

Isaías é um rapaz muito inteligente e determinado para o seu meio, embora isso não seja o suficiente para que ele seja inserido de forma igualitária na metrópole, pois recorrentemente é diminuído pelo preconceito. Isso porque Caminha sai do interior com o sonho de estudar e se tornar bacharel para ganhar assim algum status social e “limpar” sua imagem, como narra o personagem: “*Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor...*”

Página 6

Antes de chegar ao Rio de Janeiro, ainda na estrada, o jovem se depara com um ato de racismo a qual vivencia sem entender o motivo, pois no interior não havia tanta distinção quanto a sua pele *azeitonada*, e já na cidade, ao se declarar estudante, levanta ares de surpresa devido às suas ambições se sobreporem a sua cor. Por exemplo, um dos indivíduos que compartilha a pensão, o padeiro Lajes da Silva, até se surpreende e amacia o comportamento ao saber dessa aspiração:

- “ - O senhor veio a passeio? perguntou-me.
 - Não senhor, disse-lhe de pronto. Vim estudar.
 - Estudar!
 - De que se admira?
 - De nada.

Em seguida, abrindo o rosto queimado e ameigando a voz, em que havia longinquamente o sotaque português, disse:

- Venha comigo, doutor, vamos dar uma volta.” Página 10

Vindo com a promessa de apoio por meio de um contato com um deputado para ser apadrinhado por uma pessoa com poder, ao se deparar com a realidade totalmente diferente,

¹² Artigo publicado em A época, em setembro de 1916.

sozinho na grande cidade e com pouco dinheiro, o desespero da miséria e do fracasso toma conta dos dias de Isaías, que começa a passar necessidades até ganhar um emprego de baixo cargo na redação do jornal “O Globo”.

Vinham-me então os terrores sombrios da falta de dinheiro, da falta absoluta. Voltava para o hotel taciturno, preocupado com as angústias. Sentia-me só, só naquele grande e imenso formigueiro humano, só, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos que uma desgraça pudesse fazer amigos. Os meus únicos amigos eram aquelas notas sujas encardidas; eram elas o meu único apoio; eram elas que me evitavam as humilhações, os sofrimentos, os insultos de toda sorte; e quando eu trocava uma delas, quando as dava ao condutor do bonde, ao homem do café, era como se perdesse um amigo, era como se me separasse de uma pessoa bem amada... Eu nunca compreendi tanto a avareza como naqueles dias que dei ao dinheiro, e o senti tão forte para os elementos da nossa felicidade externa ou interna... Página 21

A partir disso, descreve com detalhes o modo cruel com que os jornalistas geravam considerações seletivas de juízo de valor, como escolher quem podia ou não ganhar visibilidade via ao empoderamento e a benção da redação. E é sabido que, naquela época, como os jornais tinham muita influência, eles poderiam facilmente apagar determinados literatos, por exemplo, ao deixá-los no esquecimento, quando não incitar o ataque a determinado texto. Aos poucos elogiados, quase sempre de grande ascendência, embora nem sempre de qualidade, muito se era propagado.

Mas o que aproximava tanto Isaías de Afonso? A escolha do livro inicial foi muito bem pensada, pois Lima Barreto, apesar de já ter outros textos prontos, pareceu querer entrar no mundo literário rompendo a porta da hipocrisia popular e chocando os leitores. Ele esperava, em sua apresentação, de forma irônica, escandalizar e desagradar com provocação aos periódicos do meio jornalístico e literário, mostrando o preconceito racial, a desvalorização social, a corrupção e depravação dos políticos e dos profissionais que trabalhavam nos jornais.

Para isso, ele escolheu Isaías Caminha, um jovem rapaz negro que quer estudar para se tornar doutor, contudo, as oportunidades não são as mesmas para o personagem, por mais que ele tentasse se sobressair. Sua cor azeitonada parecia ser um defeito e um impedimento para o sucesso, nunca sendo visto pelas suas atitudes decentes.

Ele se torna alvo de acusações quando houve o sumiço de bem material na pensão em que estava hospedado, mesmo não tendo nada a ver com o ocorrido. Assim, enquanto aguardava horas para ser interrogado na delegacia, sua presença é esquecida com a espera prolongada até que sua atenção é despertada ao ouvir a seguinte frase:

- E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal ‘mulatinho’?
 Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; (...). Hoje, agora, depois de não sei quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso. (1909, p. 33)

Na sala de interrogatório, o delegado não dá crédito por acreditar que se tratava de um vadio se passando por estudante para permanecer despercebido em suas ações, exemplificando a discriminação étnica e enquanto o verdadeiro culpado não foi apontado. Ao evidenciar o racismo nessa cena, Lima Barreto expõe o privilégio de determinado indivíduo em detrimento ao outro, no geral, marginalizado pela sociedade brasileira.

- (...) É que você não é estudante nem nada; não passa de um ‘malandro’ muito grande!

- Perdão! O senhor não me pode insultar...
 - Qual o quê! continuou o delegado no auge da cólera, Não há patife, tratante, malandro por aí, que não se diga estudante...
- Eu começava a exaltar-me também, a sentir-me ofendido injustamente, agredido sem causa e sem motivo; contive-me, no entanto. (1909, p. 33)

Devido às muitas semelhanças narradas e vividas por Isaías Caminha e Lima Barreto, ficcionais ou não, a obra foi vista como autobiográfica e por ser “carente de imaginação”, porque, qualquer leitor do século XX que pegasse as referências identificaria as pessoas reais e os momentos que inspiraram o texto. Por isso, o crítico literário José Veríssimo escreveu uma carta privada ao autor com determinadas recomendações:

É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidade para fazer, é representação, é síntese, e, mesmo realista, idealização. Eu que isto lhe digo, eu mesmo me delicieei, com sua exata e justa pintura da nossa vida jornalística e literária, mas não dou por boa a emoção que ela me causou. A sua amargura, legítima, sincera, respeitável, como todo nobre sentimento, ressumbra demais no seu livro, tendo-lhe faltado a arte de a esconder quanto talvez a arte o exija. E seria mais altivo não a mostrar tanto. [...].¹³

¹³ A carta de José Veríssimo poderá ser consultada, na íntegra, na Coleção Lima Barreto, Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional ou no tomo I da Correspondência, pertencente ao conjunto de suas Obras Completas. Carta a Lima Barreto (5 de março de 1910). In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Correspondência Ativa e Passiva (1º tomo). São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 203-206.

Assim, se o autor esperava, em seu livro de estreia, ganhar a atenção da crítica e comentários do público, ganhou em troca o silenciamento imposto por críticos dominantes. Ao contar sobre os problemas com o dinheiro, com a família, com o preconceito de cor, com as frustrações profissionais, além do descaso político com os marginalizados e seus comportamentos imorais, bem como o sarcasmo e privilégios dos grandes jornais da cidade, a história incomodou ao expor o social e foi vista como algo que deve ser ignorado até sumir, com a justificativa de ser realista demais.

Contudo, escritas memorialísticas como essa já vinham sendo feitas, uma vez que *O Ateneu* de Raul Pompéia publicado em 1888 e mais tarde em 1912 *A esfinge* de Afrânio Peixoto em já circulavam. Logo, a historiadora Lilia Schwarcz¹⁴ então argumenta que "*O problema não estava, portanto, no gênero; parecia mais endereçado à obra de Lima, e aos ataques que ele insistia em desferir contra o jornalismo*".

O escritor, ainda no começo do texto, também relembra o seu desgosto pela polícia, a qual teve um atrito extremamente desconfortável como já comentado acima. Fato esse que explorou muito bem na crônica *Como o homem chegou*, que relata a interferência e o tratamento desumano dessa instituição para com a saúde mental.

Dessa forma, em 1909, já afirmava que os agentes policiais eram ineficientes e escreve uma cena sobre a criminalidade do jogo do bicho, a qual a polícia deveria combater a lavagem de dinheiro para atividades criminosas como tráfico de drogas e milícias no jogo, mas não ocorre:

- Não gosto, depois, é proibido.
 - Proibido! A polícia! exclamou Laje.
 - Não é isso, fiz eu vexado daquela minha confissão. Temo perder dinheiro.
 - Ah, bom! Diga isso! Pela polícia, não; ela vive com os bicheiros...Não serve pra nada; fique certo.
 - Eu pensava que...
 - Qual! Para o que foi feita não serve. Serve para perseguir, executar vingança, como eu já fui...
 - (...) A polícia no Brasil só serve para exercer vingança, e mais nada."
- Página 26

Para finalizar, uma passagem de Isaías Caminha que facilmente poderia ter sido direcionada por Lima Barreto, corroborando para a fama de que Caminha talvez seja o

¹⁴ Schwarcz, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1º Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

personagem mais represente o seu autor durante os dias difíceis entre a Secretaria de Guerra e os atritos financeiros familiares é o trecho:

O álcool não entrava nos meus hábitos. Em minha casa, raramente o bebia. Naquela ocasião, porém, deu-me uma vontade de beber, de me embriagar, estava cansado de sentir, queria um narcótico que fizesse descansar os nervos pelos constantes abalos daqueles últimos dias. Página 43

Assim, se Isaías Caminha não é o próprio autor ou próprio criador o seu personagem, ao menos o protagonista entra na história literária como uma obra de denúncia, a primeira de muitas que viria a discordar, mas também ser desestimada pela crítica.

Conclusão:

Se não disponho do Correio da Manhã ou do O Jornal, para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem meu nome, ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance. Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura. Barreto, 1921¹⁵

É possível perceber que Afonso Henriques de Lima Barreto foi um autor que, apesar de ter enriquecido a literatura brasileira com crônicas, romances e colaborações em periódicos, não ganhou o destaque merecido nessa área, sendo até hoje classificado como “pré-modernista” e pouco difundido entre os estudos literários.

Devido à higienização social de sua época, o autor presenciou a reforma do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Pereira Passos, que ficou conhecido por promover a reforma urbanística “Bota Abaixo” em que, para dar um aspecto moderno a capital do país, ajudou a conceber o Theatro Municipal, o Museu Nacional de Belas Artes, a Biblioteca Nacional e Avenidas famosas, na virada do século. Mas para isso, com a reorganização do espaço geográfico, houve também a destruição de cortiços, a proibição de vendedores ambulantes, expulsão dos pobres para as áreas longes do centro e a internalização em hospícios de negros e pessoas em situação de rua como forma de limpeza social.

Por isso, em um sentimento de injustiça e também pela necessidade de se ver identificado como classe na representação, o escritor denunciou o outro aspecto da modernidade periférica. Seus textos se tornaram um porta voz para aqueles que foram oprimidos e silenciados pelo lado privilegiado da história, de forma tão realística que por vezes se classificava como autobiográfica. E como a leitura era um ato quase elitista, em razão da alta taxa de analfabetismo, poucos davam atenção para as temáticas suburbanas.

Além disso, a escrita de Lima Barreto não era voltada para a alta sociedade, ela tinha a função de atacar esses e de se renovar de forma estrutural e formal. Assim, como toda novidade não introduzida por privilegiados não é bem vista, o literato teve sérios problemas quanto à circulação de seus livros, o que ocasionou frustrações pessoais, dificuldades econômicas, depressão e dependência alcoólica. Por isso, a família do autor decidiu o tirar da boemia internando-o em hospitais psiquiátricos, e, relatando a desumanização desse ambiente.

¹⁵ Barreto, Lima. **A minha candidatura**. Careta, 18 de ago 1921

Como o apoio e a divulgação do seu trabalho, fato que era extremamente importante para a promoção de autores da época, eram escassos, Lima Barreto passou por desvalorizações, como a relegação da estrutura literária pelas resenhas instantâneas e sem o aprofundamento técnico dos jornais. O seu projeto de mostrar a outra faceta da realidade brasileira foi descartado naquele tempo histórico; projeto semelhante foi constituído, poucos anos depois, por outros artistas privilegiados, que conseguiram mudar a história da arte nacional.

Dessa forma, a circulação literária do autor, seja pelo seu primeiro livro ou pelos próximos, passou pelo processo de silenciamento como já analisado, e, no final da vida, o escritor faleceu em casa desgostoso, taciturno e em condições financeiras pouco favoráveis. Isso porque, com a desvalorização, as obras de Lima Barreto tiveram menos chances de serem publicadas, distribuídas e promovidas amplamente. Isso afetou diretamente a possibilidade de alcançar um público maior e, conseqüentemente, de obter uma renda satisfatória por meio da atividade de escrita. Além disso, a falta de reconhecimento e percepção teve forte impacto na autoestima e na motivação no autor e contribuíram para um silenciamento angustiante.

Se, para Márcio Seligmann Silva, o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa, essa a longo prazo tem como característica lembrar momentos já vivenciados e guardar conhecimentos de forma a serem resgatados por meio de recordações. Recordações essas que, neste caso, são relatos pessoais de racismo, opressão e humilhação, mas também de lutas, inovações e florescimento¹⁶ da literatura marginal.

O florescer desse estilo não foi muito valorizado durante a vida de Lima Barreto, mas o resgate ocorreu quase cem anos depois, dentro de releituras de obras como *“Diário do hospício”*, *“O triste fim de Policarpo Quaresma”* e *“Recordações do escrivão Isaías Caminha”*. Assim, o sentimento de esquecimento, não só pelo autor, mas por todos os indivíduos aqui citados, entra em contraposição com o mais novo prestígio da lembrança.

Sendo assim, como José Luís Jobim afirma, os livros e seus autores podem aparecer e reaparecer através do tempo, independentes dos intervalos e isso pode influenciar nas questões sócio-históricas. Logo, jamais se pode declarar uma obra totalmente morta, uma vez que ela pode ressurgir e trazer novas perspectivas, como ocorreu com vários artistas que foram aprisionados em um prefixo tão excludente: o “pré”.

¹⁶ Referência a revista “Floreal: publicação bimensal de crítica e literatura” do autor Lima Barreto.

Talvez, dentre tantas palavras aqui escritas, a mais necessária seja recordar. Recordar para lutar, recordar para reconstruir e recordar para reviver.

“Quem faz as obras primas não somos nós, os autores, nem os críticos, nem os amigos dos autores: são os leitores e, sobretudo, o tempo. Se meu irregular livro conseguir viver por ele mesmo (de outra forma, não quero), será obra-prima ou melhor: uma grande obra, senão não o será.” Barreto, 1913 ¹⁷

¹⁷ Correspondência Ativa e Passiva (1º tomo). São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 203-206.

Referências bibliográficas:

- Arbex, Daniela. Holocausto brasileiro. 1º ed - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019;
- Barreto, Afonso Henriques de Lima. Correspondência Ativa e Passiva (1º tomo). São Paulo: Brasiliense.
- Barreto, Afonso Henriques de Lima. Diário do hospício - o cemitério dos vivos. 1º ed. - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.
- Barreto, Lima. Recordações do escrivão Isaías Caminha. São Paulo, Ática, 1995.
- Batalha, Maria Cristina. Lima Barreto e o viés do realismo popular na literatura brasileira. Pensares em Revista São Gonçalo, RJ n. 1 51-65 jul.-dez. 2012
- Bosi, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Candido, Antonio. Literatura e sociedade. Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro 2006 9º edição.
- Cardoso, Rafael. Modernidade em preto e branco : Arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945 / Rafael Cardoso. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022.
- Cardoso, Rafael. O problema do modernismo brasileiro. Jornal Literário da Companhia Editora de Pernambuco. Disponível em: <http://www.suplementope.com.br/artigos/2713-o-problema-do-modernismo-brasileiro.html>
Acesso em: 18 de janeiro de 2022
- Costa, Fabiano da Silva. Cemitério dos vivos: representações do autoritarismo. RE-UNIR, v. 5, nº 1, p. 43-57, 2018. ISSN – 2594-4916.
- Jobim, José Luís. Para uma nova perspectiva no estudo da circulação literária e cultural, s/d.
- Prado, Antonio. Lima Barreto/ seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. Ed. Abril, 1980
- Ruffato, Luiz. Lima Barreto contra os “futuristas”. Rascunho O Jornal de Literatura do Brasil, dezembro de 2020, edição 248. Disponível em: <https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/lima-barreto-contra-os-futuristas/> Acesso em: 18 de janeiro de 2022
- Santos, Frederico Costa dos. Hospício Nacional de Alienados (1890-1930): relações de poder e memória coletiva no espaço asilar. A experiência de Lima Barreto. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO Centro de ciências humanas e sociais Programa de pós graduação em memória social Mestrado em memória social. Rio de Janeiro Novembro / 2010
- Schwarcz, Lilia Moritz. Lima Barreto: triste visionário. 1º Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Sérgio Buarque de Holanda: 80 anos de Raízes do Brasil • Rev. Bras. Hist. 36 (73) • Sep-Dec 2016 • <https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n73-004>

Silva, Márcio Seligmann. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Lin., Rio de Janeiro, vol.15, n.2, p.x – y, 2003 ISSN 0103-5665 • 65 PSIC. CLIN., Rio de Janeiro, vol.20, n.1, p.65 – 82, 2008